

ESPERANÇA PARA A MATA ATLÂNTICA

Pesquisa de doutorado do biólogo Ramon Felipe Bicudo da Silva, no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais da Universidade Estadual de Campinas (Nepam-Unicamp), demonstra que a vegetação nativa da Mata Atlântica do Vale do rio Paraíba, entre o Rio de Janeiro e São Paulo, mais que dobrou nos últimos 50 anos.

Esse crescimento apresenta a seguinte escala. Em 1962, a vegetação nativa se estendia por pouco mais que 200 mil hectares, em 1995 essa área subiu para 350 mil hectares, chegando em 2011 a 450 mil hectares, o que equivalente a 30% do território paulista do Vale do rio Paraíba.

O que vem ocorrendo, segundo o pesquisador é que: *“a Mata Atlântica no Vale do rio Paraíba passa por um processo conhecido como transição florestal, quando há uma mudança nas características do uso da terra, saindo de um período de constante redução da vegetação nativa para outro de expansão natural das florestas originais”*. E porque isso continua o pesquisador: *“ali, a transição está relacionada ao abandono de áreas de topografia incompatível com a agricultura mecanizada, a projetos de preservação ambiental envolvendo o cultivo de eucalipto e a migração das populações rurais para grandes centros urbanos”*.

As conclusões se baseiam em imagens do satélite Landsat 5, em dados sobre o desenvolvimento industrial da região e entrevistas com produtores rurais, pesquisadores de universidades, representantes de ONGs e de órgãos do governo.

A Mata Atlântica tem sido devastada desde a época do Brasil colônia. Inicialmente com a extração do Pau-brasil e do cultivo da cana-de-açúcar, entre os séculos XVI e XVIII, passando pelos ciclos econômicos do ouro e do café, e mais recentemente pela pecuária e expansão urbana.

Esse bioma que ocupava mais de um milhão de km², em 17 estados brasileiros, hoje reduz-se a singelas manchas florestais de cerca de 50 hectares cada, segundo o último Atlas de Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, da Fundação SOS Mata Atlântica e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

O estudo de caso do vale do rio Paraíba pode orientar projetos de restauração florestal em áreas onde existam processos históricos e econômicos semelhantes, mesmo em outros biomas. Já em regiões onde a agricultura é intensa e os poucos remanescentes

florestais que sobraram estão muito degradados, pode ser necessário investir em outras estratégias de restauração. *“Nessa condição, outras iniciativas são recomendadas, como o plantio de sementes ou de mudas de espécies nativas”*, diz Ricardo Rodrigues, da Esalq/USP.